

# DO ESQUADRINHAMENTO AO BATE-PAPO: PAQUERA HOMOERÓTICA COMO PERFORMANCE RITUALIZADA NO FACEBOOK

## *THE RUMMAGE TO CHAT: FLIRTING AS RITUALIZED HOMOEROTIC PERFORMANCE ON FACEBOOK*

**Fabício de Sousa Sampaio**

*farcosousa@yahoo.com.br*

*Doutor em Ciências Sociais - PPGCS/CCHLA-*

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte.*

*Professor EBTT de Sociologia do Instituto Federal de Educação,*

*Ciência e Tecnologia do Maranhão- IFMA/Campus Araioeses*

### RESUMO

A paquera pode ser definida como um processo de busca por alguém com intenção amorosa ou sexual. Atualmente, o ato de paquerar entre homens do “off-line” é mediado e modificado pelas mídias digitais. A discussão que constitui este artigo parte do princípio de que a paquera de forma geral se constitui em um *continuum off/online* articulado e independente característico do mundo social na atualidade. E no tocante aos enlaces homossexuais, a paquera não é algo impetuoso, voluntarista e desregrado. Ao contrário, no decorrer da etnografia ela se mostrou ritualística. Assim, o presente artigo é constituído pelas reflexões preliminares de uma etnografia em andamento no contexto “on-line” do Facebook, cujo objetivo principal é analisar os rituais da paquera entre homens e os seus significados socialmente constituídos. Ritual, performances de gênero, corpo e sexo constituem as chaves de interpretação do objeto em estudo.

**Palavras-chave:** Facebook. Performance. Paquera.

### ABSTRACT

Flirting can be defined as a process of searching for someone to love or for sexual intent. Currently, the act of flirting among men “off-line” is mediated and modified by digital media. The discussion in this article begins from the principle that flirting in general constitutes a continuum “off / online” articulate and independent “characteristic of the social world today. And with regard to homosexual links, flirting is not something brash, proactive and unruly. In contrast, during the ethnography it showed ritualistic. The present article consists of the preliminary reflections of an ethnography in progress in the context “on-line” on Facebook whose main objective is to analyze the rituals of flirting between men and their socially constituted meanings. Ritual, gender performances, body and sex are the key object of interpretation in this study.

**Keywords:** Facebook. Performance. Flirting.

## INTRODUÇÃO

Pouco tempo depois de criar um perfil na rede social Facebook em 2013, comecei a receber curtidas em fotos pessoais e solicitações de amizade de pessoas que eu não conhecia, principalmente de perfis masculinos. Comentando essas atividades com colegas de trabalho, eles foram unânimes ao afirmar que essas ações poderiam se configurar em paquera.

Observando mais atentamente as ações de paquera entre homens nesse contexto “on-line”, constatei que elas não se diferenciavam de um perfil a outro. Eram padronizadas. Por essa razão, foram surgindo alguns questionamentos: a paquera entre homens no Facebook seria ritualística, ou seja, seria permeada por ações codificadas que objetivariam uma eficácia nos termos de Schechner (2012)? Quais seriam esses rituais e que sentidos sociais eles teriam? Por que existiriam rituais nesse tipo de paquera? Os rituais seriam então constituintes do processo de paquera entre homens no Facebook?

Na tentativa de elucidar essas questões, uma etnografia foi iniciada no Facebook, no fim do ano de 2013. A escolha dessa rede social para constituir o contexto de pesquisa teve origem na percepção de que ela poderia ser utilizada como situação “on-line” de paquera em razão das investidas amorosas de alguns usuários em meu perfil. Após um ano de observação participante, foram escolhidos alguns sujeitos para realizar entrevistas abertas. Foram convidados trinta usuários que iam me enviando solicitações de amizade e que, sempre ao aceitá-los como amigos, eles me perguntavam se eu “curtia caras”. Logo após essa pergunta, eu me apresentava como pesquisador, expondo sinteticamente o objeto de estudo e convidava-os para serem colaboradores. Somente dez aceitaram. Esses usuários solicitaram prontamente o anonimato na pesquisa. Por isso os depoimentos serão identificados neste texto com nomes aleatórios: Josué, Cláudio, Romeno, Italiano, Sírios, David, Marcos, Romário, Rivero e Juliano.

O presente artigo é constituído pelas reflexões preliminares dessa etnografia em andamento no contexto “on-line” do Facebook cujo objetivo principal é analisar os rituais da performance-paquera entre homens e os seus significados socialmente constituídos.

Vale destacar que as vidas “on-line” e “off-line” não constituem realidades distintas e separadas. Esses ambientes – “on-line” e “off-line” – encontram-se em permanente interação, e por isso Carolina Parreiras (2011) e Richard Miskolci (2011) citam a sugestão de Hine (2009) de tratar o virtual<sup>1</sup> ou a internet como “contextos culturais”. Além disso, para o sociólogo Richard Miskolci (2011), é necessário pensar essa “divisão” como um contínuo interdependente e articulado “no qual nos inserimos assim como nossos sujeitos de pesquisa” (Ibid., p. 15). Pois, não existe um universo social apartado chamado de ciberespaço<sup>2</sup>, e sim uma mediação e modificação da vida “off-line” através das mídias digitais. (Ibid., p. 16).

Nesse sentido, se não há um espaço apartado na sociedade – ciberespaço – que poderia significar a emergência de novas sociabilidades totalmente distintas da vida “off-line”, o que existe é uma articulação entre “contextos culturais”. Assim, talvez, analisando os rituais de paquera homoerótica no Facebook, estaremos refletindo sobre esse tipo de paquera de forma mais ampla. Pois, conforme Miskolci (2011) deve-se entender que os usos sociais da mídia digital estão vinculados a necessidades e aos interesses “off-line”. Em outras palavras, no Facebook, o ato de paquerar entre homens do “off-line” está mediado e modificado contextualmente pelo “on-line”. E a paquera, de forma geral, constitui-se em um “contínuo articulado e independente” (Ibid., p. 17)

característico do mundo social na atualidade, embora em ambos os contextos culturais existam peculiaridades. O referido estudo objetiva compreender as especificidades da paquera “on-line”.

A paquera é definida a priori como a tentativa de aproximação com alguém ou a busca por namoro, “ficar”, aventura amorosa ou azaração. No cotidiano das pessoas, frequentemente esse verbo paquerar é também utilizado para se referir ao processo de observação de um objeto de consumo e que brevemente será adquirido. Não é raro ouvir, “faz tempo que estou paquerando aquele celular” ou “já paquero faz tempo aquele carro”.

O processo de paquera necessita de racionalização por parte dos paqueradores. Por isso, as discussões que constituem este artigo partem da afirmação de que os encontros para ficar, namorar ou fazer sexo, são imbuídos pelo processo de paquera. E os que buscam fazer amigos também o são. Então o processo de paquera relacionado ao campo do erótico ou sexual é tributário de certos regramentos principalmente em relação às suas finalidades, ao objeto paquerado e aos cenários culturais onde ocorre esse processo de aproximação.

Todavia a título de diferenciação, a “pegação”<sup>3</sup> é definida geralmente como a fase final do processo de paquera sexual. Encerra comumente as buscas por sexo casual principalmente em locais públicos ou já consensualmente percebidos para esta finalidade: saunas, cinemas de sexo explícito, banheiros ou certos espaços em boates gays denominados “dark rooms” – locais semifechados e escuros onde a ordem é a liberação da “pegação”, ou melhor, práticas sexuais diversificadas.

A escolha do termo homoerótica para identificar a paquera entre os homens ratifica uma postura crítico-teórica de afastar a conotação sexual unívoca acreditada pelo senso comum quando o assunto é uma aproximação erotizada entre homens. Para Costa (1992) o termo “homoerotismo” – tomado de empréstimo do psicanalista Sandor Ferenczi, contemporâneo de Freud – é mais flexível e descreve a pluralidade de atrações eróticas ou formas diversas de se relacionar fisicamente entre sujeitos do mesmo sexo biológico. Além disso, a palavra ‘homossexual’ “está excessivamente comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexólogo e higienista de onde surgiu”. (Ibid., p. 23-4).

Uma das primeiras constatações da pesquisa é a de que o corpo materializado nos perfis do Facebook é o alvo da paquera. Os colaboradores relataram que analisam as fotos, as páginas curtidas, os amigos em comum e as postagens em geral a fim de construir um corpo pelo qual sentirão ou não atratividade e assim iniciar os rituais de paquera. Esse processo denominado de esquadramento faz parte do primeiro ritual da fase desfocada da paquera e será analisado posteriormente.

As relações sociais mediadas digitalmente são objeto de discussão da primeira parte do artigo. Em seguida, performance, gênero e paquera constituem o foco de análise. E na terceira parte, são identificados e analisados os rituais da paquera no Facebook.

## MÍDIAS DIGITAIS E AS RELAÇÕES SOCIAIS

Miskolci (2011) assevera que o uso das mídias digitais no mundo e no Brasil ainda está em processo de disseminação. As mídias transformaram os moldes de se comunicação das pessoas e as relações sociais. Algumas pesquisas<sup>4</sup>

apontam uma fragmentação identitária e outras para uma maior fluidez dos eus envolvidos na vida “on-line”.

O autor destaca dois importantes aspectos da utilização das mídias digitais: o protagonismo individual e a articulação das diferenças pessoais como elementos para efetivação de contatos e socialização. (MISKOLCI, 2011, p. 13). Essas mídias fazem a mediação e a modificação daquilo que é vivido no “off-line” – lócus de origem das necessidades e interesses dos seus usos sociais – em uma espécie de “contínuo articulado e interdependente”. (Ibid., p. 16).

O contexto cultural “on-line” também é percebido como intensificador e descorporizador dos engajamentos instantâneos, dos consumos rápidos dos fenômenos sociais e das pessoas e também possibilitador do descarte imediato de tudo isso. Com base em Bauman (2005, p. 99) podemos afirmar que essas características do ser conectado têm efeitos colaterais desagradáveis: a “pilha de lixo”. Com tantas possibilidades, a preocupação não é com a produção do “lixo” material ou humano, e sim não se tornar objeto desse depósito. Essa preocupação gera uma ansiedade que antecipa a ação de descartar antes que seja descartado. Assim, o medo de se tornar lixo e a prática recorrente do descarte podem ser considerados como razões da frivolidade dos relacionamentos amorosos e sexuais como também da busca frenética por intervenções corpóreas em referência aos padrões vigentes de beleza.

A internet possibilita exacerbar a incompletude de determinado parceiro escolhido temporariamente pela simples razão de que ao descartá-lo, haverá uma abundância de outros possíveis parceiros. Justamente porque a internet “nos faz ver todo o mercado de escolhas possíveis a nossa disposição, [...] ao chegarmos ao encontro real, costumamos tender a subestimar, e não a supervalorizar a pessoa encontrada”. (ILLOUZ, 2011, p. 151). Bauman (2005) sentencia que com a exposição aos “contatos facilitados” pela tecnociência, os indivíduos estão perdendo a habilidade em interações espontâneas no mundo ‘real’. Afirmção contrária às conclusões de Miskolci (2012) em que os usuários buscam o contato face a face, mesmo depois de experiências de desapontamento no “on-line”.

Os contatos “virtuais” se intensificam a cada dia e a tese de que tal intensificação diminui os contatos “reais” é questionável, pois, embora muitos prefiram, por exemplo, paquerar ou buscar parceiro(a)s no “on-line”, não se tem o descarte da possibilidade das interações face a face depois dos flertes na virtualidade.

Para Eva Illouz, a internet tem como vantagem permitir um eu mais flexível, aberto e múltiplo, o que “assinala o epítome do eu pós-moderno, em sua capacidade de tornar o eu brincalhão, inventor de si mesmo e até enganoso, em sua capacidade de manipular informações a seu próprio respeito”. (ILLOUZ, 2011, p. 115). O engajamento no contexto “on-line” com comunidades e pessoas virtuais tem uma vantagem que é a possibilidade de performatizar inúmeras identidades e não correr o risco de serem descobertas ou postas à prova ao se exigir uma unidade identidade- performance cujo entorno “material” da subjetividade – o corpo – deveria expressar. Entretanto, tanto no “on-line” quanto no “off-line”, o corpo é esquadrihado incessantemente.

A internet pode se tornar um contexto mais confortável e potencial de paquera e até de amor ou sexo “virtual”, pois no “cara a cara” tanto as investidas quanto os “foras” podem ser desconcertantes para ambos envolvidos no processo de engajamento amoroso. Embora que no “on-line” essa paquera possa se tornar também mais criteriosa pela ânsia dos usuários de competirem para serem considerados mais sedutores através da construção de perfis em sites de

busca ou redes sociais cada vez mais padronizáveis e balizados por exigências do mercado amoroso e/ou sexual.

A busca de parceiro(a)s na internet adquire uma forma racionalizada, baseando-se em uma interação incorpórea caracterizada pela abundância e permutabilidade. (ILLOUZ, 2011, p. 129). Os namoros e os processos de paquera seguem princípios do consumo de massa “baseados em uma economia de abundância, escolha infinita, eficiência, racionalização, orientação para alvos seletivos e padronização” (Ibid., p. 130). Entretanto essa “aparente” abundância de corpos textualizados no “on-line” como pretensos alvos de paquera pode significar uma angustiante escassez, pois a primeira fase da paquera denominada “desfocada” nos termos de Goffman (2010) é marcada pela intensa seleção dos perfis balizados principalmente pelos critérios estéticos de beleza corporal masculina heterossexual.

O grande risco é que os indivíduos freneticamente excitados pela abundância exagerem na filtragem, seleção e descarte e passem a sobreviver apenas na esperança de que em algum acesso possa encontrar alguém que se encaixe nas suas exigências. Justamente por isso é notório nos bate-papos, os usuários entrevistados relataram abrir inúmeras janelas e conversar com várias pessoas e, ao que estiver produzindo resultado mais rápido, é dispendido mais atenção e energia, como também aqueles que não produzirem são imediatamente esquecidos ou deletados sem o mínimo de preocupação e remorso, considerados obstáculos para a busca incessante virtual.

Nas relações mediadas pelo computador, o distanciamento físico proporciona um pretense anonimato de diversas formas, “já que a relação entre o corpo físico e a personalidade do ator já não é imediatamente dada a conhecer”. (RECUERO, 2011, p. 38). Entretanto, nessa mediação, o corpo é reconstituído textualmente e não deixa de ser objeto de diferenciação ou atribuição através de marcadores sociais tais como etnia, gênero, sexualidade, classe, sexo e outros.

O contexto “on-line” pode ser considerado uma passagem quase obrigatória “para sujeitos que nutrem desejos homoeróticos em sua autodescoberta, contatos sexuais ou amorosos e a criação de redes de apoio”. (MISKOLCI, 2009, p. 176). Mas também ela pode atuar na “ampliação do armário”, porque a explicitação dos desejos homoeróticos está disciplinada pelas atmosferas do anonimato e do segredo.

O armário como regime de controle da sexualidade que rege a vida dos gays e lésbicas e também dos heterossexuais, é uma estrutura de opressão conforme Segwick (2007). Entretanto esse armário persiste nas mídias digitais não como regime de opressão gay, mas como dispositivo de controle que é incorporado subjetivamente através de aprendizado social que define tanto no espaço público quanto no privado as relações a serem reconhecidas e visíveis, como as que serão punidas e toleradas. (MISKOLCI, 2013, p. 316).

Uma das tendências vislumbradas no Facebook e recorrente na cibercultura<sup>5</sup> é a sacralização dos eus e por conta disso uma tendência obsessiva de conseguir fiéis, fãs ou adoradores. As estratégias virtuais de exibição dos corpos nos perfis das redes sociais objetivam transformá-los em objetos de consumo, ídolos ou até ‘santidades’. Na própria plataforma do Facebook e do Twitter existe a opção de seguir, e a quantidade de seguidores é razão midiática de se autoconsiderar ou de identificar determinadas pessoas celebridades ao ponto de até serem chamadas como “celebridades instantâneas”.

Essa busca para se tornar celebridade, muitas vezes legitimada pela grande quantidade de amigos nas redes sociais e/ou pela quantidade de acessos

às postagens e principalmente às fotos publicadas, parece ser um controverso “antídoto para solidão”. A internet funciona como um outdoor onde qualquer um pode ser visto. E todos parecem se estilizar constantemente como se estivessem na mira de paparazzi. (SIBILIA, 2010). Uma das conclusões da autora é a de que somente há consistência e existência na vida se houver um enfeitamento e recriação do eu como se fosse um “personagem audiovisual” (Ibid., p. 54). E esse fascínio pelo exibicionismo e pelo voyeurismo e busca de celebridade contemporânea é concernente a uma sociedade atomizada e marcada pelo individualismo de “arestas narcísicas, que precisa ver sua bela imagem refletida no olhar alheio para *ser*”. (Ibid., p. 55, grifo da autora).

Os corpos passíveis de exibição e atribuição de status de “celebridade” ou de “glamour” nos termos dos colaboradores são os corpos jovens em “boa forma” ou malhados. Na moral contemporânea da “boa forma”, os corpos autorizados a terem visibilidade e, portanto objeto de assédio pelos “outros”, são corpos sarados, musculosos, belos, de pele lisa. (CANEVACCI, 2012). A esses corpos triunfantes é permitida a nudez, a pornografia, a fluidez identitária e de orientação sexual.

A construção e a disposição dos corpos nos perfis do Facebook corroboram a ideia do corpo pensado como simples suporte da pessoa no discurso contemporâneo. Ele se colocaria para os sujeitos como um objeto à disposição para realizar qualquer feito e esvaziado de seu caráter simbólico. O corpo é visto como um lócus a ser eliminado ou modificado de uma maneira ou outra via tecnociência. (LE BRETON, 2013, p. 16).

Aprisionado pela síndrome consumista e regulado por padrões estéticos, o corpo é sempre um estorvo, um objeto descartável sempre à disposição do indivíduo para ser reformado. O corpo ou o “programa ajustado” do indivíduo precisa ser retrabalhado para materializar uma identidade, nas palavras de Le Breton (2013), “remanejável” e “revogável” do sujeito.

Na internet, o conteúdo da paquera – o corpo – como programa ajustável aos ideais estéticos dominantes é construído com auxílio da imaginação. Esse processo é desencadeado por dois textos, a foto e o perfil, “e por um conhecimento do outro que é verbal e racional, isto é, baseado em categorias e cognições, não nos sentidos”. (ILLUOZ, 2011, p. 148). Há a construção de projeções das pessoas. Esse estilo de imaginação no “on-line” “descorporifica os contatos, transforma-os em puros fatos psicológicos e textualiza a subjetividade”. (Ibid., p. 138). E diferentemente da imaginação romântica calcada no corpo e na ordem do sentir, a imaginação da internet é baseada na ordem do conhecer em que fantasiar e buscar alguém tem como referência uma lista de atributos abstratos e incorpóreos que se supõe corresponder ao ideal desejado pelo indivíduo. (Ibid., p. 148).

## PERFORMANCE, GÊNERO E PAQUERA

Conforme os relatos dos colaboradores os “corpos digitais ou virtuais” acionam o desejo e a intenção de iniciar a paquera. Entretanto é a movimentação desse corpo que tanto pode corroborar esse desejo como intensificar ou finalizar o processo de paquera. Dito de outra forma, é a performance e não somente o corpo feito de texto e imagem que é o alvo do processo de paquera. Ratificamos essa afirmação com o depoimento de Romário.

Romário mora em Sobral-CE e suas postagens<sup>6</sup> objetivam a publicação de sua vida cotidiana através de locais onde ele está ou aos quais pretende ir,

pensamentos e sentimentos relacionados a experiências pessoais pelas quais está passando e fotos de eventos, festas ou viagens. Há poucas fotos que focalizem seu corpo – sem blusa, de sunga, *selfies* frente ao espelho – como nos outros perfis analisados. Na maioria das fotos, ele está com alguém da família ou amigos. Ele confessa não desconsiderar a atração por “homens de corpão”, mas que isso não é o principal critério para prolongar a paquera ou investir em um encontro face a face: “a pessoa de alguma forma ou de outra tem que me chamar atenção. Ela não precisa ser perfeita de corpo nem nada, mas de certa forma atraente. Analiso o perfil também e vejo como é o papo da pessoa”. (Depoimento- dezembro/2014)<sup>7</sup>.

A performance é um processo de ritualização de sons e gestos em um processo de estilização do comportamento. (SCHECHNER, 2012, p. 49). Os indivíduos utilizam técnicas de performance para se dirigir aos diversos públicos com o objetivo de “manter, modificar ou inverter a ordem social existente”. (Ibid., p. 77). Ela se origina da interação entre o jogo e o ritual. Os rituais constituem ações codificadas que movimentam a memória e ajudam os indivíduos a lidar com relações sociais “ambivalentes, hierarquia e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária”. (LIGIÉRO, 2012, p. 49). Embora que os rituais se apresentem publicamente sob o caráter de estabilidade e permanência, eles mudam dependendo das circunstâncias sociais. (SCHECHNER, 2012, p. 84). Neste sentido podemos considerar que os rituais performatizados na paquera homoerótica dentre outras razões ajudam os indivíduos a se relacionarem eroticamente entre si em um contexto heteronormativo que, além de negar a legitimidade do desejo homoerótico, também o aprisiona em um padrão heterossexual binário de homens e mulheres.

Schechner (2012) divide a performance em eficácia e entretenimento. Dois polos que fazem parte de uma ação contínua dependendo do contexto e da função. A performance é ritual quando se vincula à eficácia ou busca resultados. E é entretenimento quando o objetivo for dar prazer, ser exibida ou passar o tempo. Para o autor, nesse jogo binário eficácia e entretenimento não são opostos, e sim continuamente interdependentes. Não há eficácia ou entretenimento puro. E é das tensões criativas desse jogo e suas várias finalidades que se originam as performances (Ibid., p. 81). Assim, a performance durante a paquera objetiva dentre outras razões principalmente tornar um corpo reconhecido como objeto de paquera ou de desejo, além de eficazmente conseguir um “fica” ou amante em contextos homoeróticos que violam de certa maneira a preservação da heterossexualidade como norma.

A performance-paquera “on-line” é ritual ao se vincular à ação racional que busca resultados específicos nos termos de Schechner (2012). E a partir dos depoimentos e das incursões no Facebook, podemos afirmar que na paquera homoerótica masculina quem executa os rituais são corpos sexuados e genericados e que buscam outros corpos também sexuados e genericados, ambos marcados socialmente pela heteronormatividade<sup>8</sup> e padrões estéticos de beleza dominantes. E especificamente na paquera entre homens, a efeminofobia – aversão aos traços ditos femininos nas performances masculinas – atua como reforçador auxiliar da heteronormatividade.

Para Judith Butler (2010) a materialização do corpo através de categorias como sexo e gênero é resultado de um processo performativo. O sexo considerado a “substância” dos corpos e o princípio fundante da estruturação binária dos gêneros não é algo que o sujeito possui e cuja materialidade é fixa ou estática, pois a própria materialidade dos corpos e sua significação é um “efeito do poder”, é indissociável de normas regulatórias. (BUTLER, 2013, p.156).

Dessa forma, Butler (2010) desestabiliza a consideração do gênero como pertencente ao domínio da cultura e o sexo, ao domínio da natureza. O gênero não é uma inscrição cultural de significado em um sexo preexistente. Ele é um meio “discursivo/cultural” pelo qual “‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (p. 25). O sistema binário dos gêneros fundado em uma relação mimética entre gênero e sexo “na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” é problematizado pela autora. (Ibid., p. 24).

O gênero produz o sexo como algo anterior à cultura e por isso adquire o status de inquestionável. As normas regulatórias através da performatividade transformam o sexo na “matéria” dos corpos. (BUTLER, 2013, p. 155). Em outras palavras, o fenômeno sexo é produzido pela reiteração do discurso como causa fundante dos corpos, e não como efeito de poder da nomeação. Ou mais sucinto, o sexo ou o “sexualmente factual” são “ilusões de substância”, assim como os gêneros, pelas quais os corpos são obrigados a se aproximarem. (BUTLER, 2010, p. 210).

O conceito de performatividade de Butler utilizado para fazer uma genealogia crítica tanto do sexo quanto do gênero corresponde à reiteração prática do discurso que objetiva produzir aquilo que nomeia. Não é um ato singular ou intencional do sujeito. É uma reiteração de uma norma ou conjunto delas que “oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição”. (BUTLER, 2013, p. 166).

A materialidade do sexo é circunscrita e contornada pela heterossexualidade (Ibid., p.170). E regulados por essa matriz<sup>9</sup>, os sujeitos são formados com referência aos seres abjetos produzidos simultaneamente. Os abjetos são possuem o status de sujeitos e funcionam como um “exterior constitutivo” do domínio de circunscrição dos sujeitos. (BUTLER, 2013, p. 156-7). E como efeito de uma prática reiterativa, a naturalização do sexo e do gênero também possui fissuras, brechas, fossos que, conforme a autora, sinalizam para as instabilidades constitutivas das construções de sexo e de gênero. (Ibid., p. 163). Em outras palavras, a materialidade do sexo, a “verdade” e coerência do gênero e o binarismo para o sexo e o gênero são “ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista”. (BUTLER, 2010, p. 59).

Entretanto, o gênero como constructo cultural e reproduzido pelas performances repetitivas necessita de um corpo incessantemente modificado e em encenação vigilante para obter legitimidade. Não podemos comprar gênero em uma farmácia. A ilusão da compra da feminilidade e da masculinidade através dos fármacos considerando uma leitura crítica de Beatriz Preciado (2008) pode acabar em um detalhe biológico descoberto que traz à tona elementos corporais definidos culturalmente como pertencentes a um gênero inteligível.

De certo, a materialidade do gênero está vinculada não somente a papéis sociais, hábitos e performances a serem reproduzidas incansavelmente. A legitimidade do gênero se funda também no corpo<sup>10</sup>, na imagem de um corpo relacionado diretamente ao sexo e em movimento por posturas consagradas àquele determinado gênero. Sem corpo modificado – desrespeitando a unidade corpo e performance inteligível – a performance é jogada no estigma.

Uma das primeiras constatações etnográficas é a de que a paquera entre homens na internet é regulada pelos imperativos da “matriz heterossexual”. No regime da heterossexualidade existem “performances de gênero hegemônicas” atreladas ao feminino e ao masculino. Elas constituiriam “ficções sociais sedimentadas ao longo do tempo e que gerariam um conjunto de estilos



corporais” (BENTO, 2006, p. 92). Assim, o binarismo de gênero que sustenta a “heterossexualidade compulsória” modula também a paquera homoerótica, pois as sexualidades atualmente estão reguladas pelo dispositivo da heteronormatividade.

E outro elemento da paquera homoerótica constatado na pesquisa em andamento é a estética. Semelhante a pesquisa de Berenice Bento (2006) sobre a experiência transexual, a estética constitui em um “indicador de níveis de masculinidade e de feminilidade”. (Ibid., p. 163). Ela atua para visibilizar e estabilizar os corpos na dicotomia dos gêneros. Além disso, constituiria uma espécie de “capital de gênero” (Ibid., p. 228) através do qual os corpos estariam classificados como abjetos ou “glamourizados”.

Sendo assim, o corpo paquerado é marcado por um sexo que é considerado a “naturalidade” do gênero binário. Judith Butler (2010, 2013) destaca que tanto a materialidade do sexo quanto a essência do gênero são efeitos de práticas discursivas que precisam ser performatizadas. É na performance contínua e repetitiva que o poder regulador dos gêneros é produzido e naturalizado como algo “pré-cultural”. Em suma, podemos falar de performatividades de paquera como atos estilizados e repetitivos das “performances de gênero” valorizadas pelas sociabilidades homoeróticas nos contextos culturais específicos.

## FACEBOOK E OS RITUAIS DE PAQUERA

O Facebook pode ser utilizado pelos usuários sob a forma de contexto “on-line” de paquera, pois não sendo um site específico de busca por parceiros sexuais como Manhunt, Disponível, Badoo e outros, ele inicialmente é considerado uma rede social que objetiva buscar ‘amigos’ e construir uma rede de sociabilidades virtuais e na medida do possível de encontros face a face.

É uma rede social que tem muitos recursos, mas, por delimitação da pesquisa, foram escolhidos para análise dos perfis, o mural, status, a linha do tempo, os botões curtir, compartilhar e cutucar. O mural é um espaço na página de perfil do usuário onde os amigos postam mensagens para os outros verem. Pode ficar visível para qualquer um, com permissão para visualizar o perfil completo. O status fica na página de visualização pública do perfil, de acordo com o usuário, que informa seus amigos e membros de sua comunidade coisas que acham interessantes. A linha do tempo organiza cronologicamente todas as atividades, postagens e publicações dos usuários. Os botões curtir e compartilhar se relacionam a postagens e publicações e constituem os principais instrumentos de paquera virtual.

Atualmente, o botão compartilhar está sendo utilizado mais fortemente para intenções políticas: campanhas, abaixo-assinados e serviços de alerta e conscientização pública. Agora, o botão cutucar é muito polissêmico. Até os criadores dizem que ele não tem uma finalidade específica. As cutucadas podem significar um olá, um pedido de amizade indiscreto, caso não conheça o usuário, e pode ser um recurso de iniciar uma paquera ou investida sexual.

No tocante a diferenciação do Facebook em relação aos sites de anúncios de perfis com a explícita conotação sexual, como os mais famosos na cidade sobralense conforme alguns depoimentos atualmente – Manhunt, Disponível, Badoo e Planet Romeo –, é a própria razão da criação da plataforma: ser uma rede social de “amigo (a)s”. É através dessa justificativa de buscar amigo (a) que as paqueradas se iniciam. E outra razão é porque por essa motivação de criação, o teor amoroso ou sexual fica muitas vezes dissimulado e possibilita

então os flertes virtuais ritualmente executados a fim de “não espantar os boys, se você chega e diz logo o que você curte depois que o boy aceita ser seu amigo”. (Depoimento- David/2014).

Richard Miskolci (2009, 2011, 2012), em suas pesquisas sobre as buscas homoeróticas masculinas, pontua o segredo e o anonimato constituintes das paqueras em sites de relacionamento ou bate-papos. A não exposição e os cuidados dos usuários através da criação de apelidos e de um jogo de perguntas e respostas objetivariam manter em segredo as relações mediadas pela internet. Entretanto, no Facebook, com exceção dos perfis falsos<sup>11</sup>, a proteção do anonimato quase inexistente, e por isso os usuários precisam construir “estratégias”<sup>12</sup> para iniciar uma paquera homoerótica principalmente se os perfis em jogo não possuem nenhuma “pista de que curte caras”. (Depoimento – Marcos/2014). Esse cuidado ritual é necessário, porque além da paquera ser realizada com “perfis verdadeiros”, qualquer conflito interpessoal pode desencadear uma publicação do desejo homoerótico de algum dos envolvidos na paquera. E pode ser, de acordo com os colaboradores, que alguém possua uma vida heterossexual bem consolidada que possa ser desestabilizada com os “boatos” lançados na web. Marcos reside atualmente em Fortaleza, tem 22 anos e foi um dos primeiros usuários a aceitar ser entrevistado. Em seu perfil<sup>13</sup> há uma profusão de fotos sem blusa, de sunga e em festas. As postagens demarcam a evolução da modificação de seu corpo através dos exercícios de musculação. Ele relata que os critérios de seleção de um perfil para paquerar são as fotos de “corpo inteiro”, mas que na fase de bate-papo aciona outros critérios de seleção, pois prefere “ficar” com “caras” que têm uma “cabeça legal e não só corpo...”. Quando ele é paquerado ou inicia um “investimento” em alguém a pergunta se o outro “curte caras” é o ponto de partida ou pode se tornar a razão para finalizar o processo de paquera.

Durante a etnografia, percebi determinados rituais – denominados pelos colaboradores de estratégias – que constituíam a paquera homoerótica no Facebook. Esses rituais serviam para tornar esse processo mais eficaz e evitar desconfortos ou conflito de interesses amorosos entre os usuários. Além disso, os rituais eram utilizados para “informar” o processo de paquera iniciado por alguém sem que houvesse a necessidade de explicitar claramente as intenções de ambos e muitas vezes promover uma saída do armário de forma cuidadosa e paulatina: “não vou de cara primeiro, sem ter uma noção, tenho que me saber conduzir para não me expor e não me constranger e nem chegar a constranger. Mesmo se ele gostasse de homem, ainda não seria cabível por não saber o que ele tá vivendo ou seus planos”. (Depoimento- Juliano/2014). Assim, a utilização dos rituais durante a paquera virtual se justifica porque “às vezes essas coisas [um convite de amizade, uma curtida na foto ou uma cutucada] não tem nada a ver com o que você espera que seja”. (Depoimento-Romário/2014).

A paquera e a “pegação” no Facebook é complexa e ritualística. E os rituais atuam como forma de mobilizar os indivíduos a fim de os tornarem “participantes autorreguladores em encontros sociais” (GOFFMAN, 2011, p. 49). Em salas de bate-papo ou sites de busca por parceiros como Manhunt, Disponível e Badoo, geralmente o segredo e anonimato se referem à identificação do usuário e não ao seu desejo homoerótico: as pessoas já entram em salas temáticas relacionadas ao que realmente buscam na web. No Facebook, é o desejo homoerótico que é resguardado no “armário” e vai sendo ritualmente exposto aos poucos, porque o usuário já foi publicizado e há um “risco” social para muitos, ou seja, a publicização de seus desejos, através de um possível compartilhamento de sua “identificação” através de sua rede de amigos direta e indiretamente.

Na etnografia em andamento, existe uma particularidade que a diferencia da pesquisa de Miskolci (2009). No Facebook, com exceção dos fakes<sup>14</sup>, geralmente os usuários expõem informações sobre si que são passíveis de verificação como de conhecimento ou reconhecimento por outros usuários, pois cada perfil vai adicionando uma rede de amigos, e estes podem se tornar os principais ‘filtros’ da veracidade das informações publicadas no Facebook. Ao contrário dos sites de busca ou relacionamento, no Facebook o usuário “expõe” muitos aspectos de sua vida “on-line” e “off-line” tais como: seus familiares, amigos, viagens realizadas, lugares que frequentou ou frequenta, local de trabalho, estado civil, atividades que realizou ou está planejando realizar e outros. Enquanto naqueles o foco de exposição geralmente de cunho sexual são informações sobre posições e preferências sexuais e características específicas das partes pudendas, cujas fotos acompanham ou não essas informações como comprovações iniciais antes de iniciar as chamadas de vídeo e áudio, caso a plataforma disponibilize<sup>15</sup>.

Nos perfis masculinos analisados, a maioria dos usuários tanto expressam quanto justificam a construção de seus corpos baseados na moral contemporânea da “boa forma”. Aqueles que não consideram seus corpos ajustados ainda publicam incansavelmente seus investimentos diários em academias e suplementação alimentar. E os que já se consideram ajustados, sempre pontuam algo que precisam melhorar ou defendem uma vigilância constante para não “perder a forma”. É elucidativa a constatação de Marcos: “se eu fosse malhado, seria seguido por muita gente [...] os malhados se sentem firmes no seu poder de sedução, eles procuram curtir o público, mas sempre mais jovem e bonito. Pois eles (nem todos) podem escolher com o dedo”. O corpo dos malhados tem o poder de manejo sobre o desejo homoerótico e de liberdade de escolha sobre os outros corpos desejantes. Por isso se aproximam do ideal estético dominante é buscado incessantemente.

Juliano tem 36 anos. Em seu perfil há uma profusão de mensagens de autoajuda, com letras de músicas e de teor religioso. Nas últimas postagens<sup>16</sup> ele expõe dificuldades de se relacionar com outras pessoas justificando que atualmente os indivíduos são classificados por seu status financeiro e por sua adequação corporal aos padrões estéticos masculinos – “corpo sarado”. O seu álbum de fotos é constituído por imagens de sua mãe, seu cachorro, sua irmã e mensagens de superação e encorajamento. Em sua entrevista, há uma ênfase em seu corpo não ajustado aos padrões ideais de beleza, e por isso tornam-se difíceis suas paqueras tanto no “off-line” quanto no “on-line”.

Na busca de parceiro(a)s pela internet seleciona-se quem pode ser alvo da paquera por imagens dos perfis sexualizados e generificados pressupondo que tais imagens sejam confirmadas nos bate-papos ou nas exhibições da *webcam*, e conseqüentemente desencadear e confirmar a atração e o afeto ou até o amor. Ou seja, o “corpo digital” paquerado terá sua performance avaliada através das interações na plataforma, em um jogo de materialização corporal onde o gênero, a sexualidade, vocabulário utilizado, jeitos de corpo, estética e vestimentas serão modulados no delinear do processo de paquera. (GADELHA, 2015, p. 58). A performance para este autor funcionaria como dispositivo de materialização dos corpos, gêneros e sexualidades nos contexto “on-line”.

Gadella (2015) em sua pesquisa trata o “corpo digital ou virtual” feito de texto e imagem. Entretanto esse processo de feitura do corpo, no caso o alvo da paquera virtual, não é uma simples identificação, tradução ou representação de um “corpo real”. É muito mais geração de outra materialidade articulada a processos de mutação. O agenciamento dos corpos se dá entre os sujeitos, as máquinas e os espaços. (Ibid., p. 57-8). Assim, além dos diferenciais identitários,

o corpo digital se “engendra em processos de hibridização com o espaço, do real com o virtual”. (GADELHA, 2015, p. 60).

Este autor critica a ideia de reduzirmos o agenciamento entre corpo, gênero e espaço a uma perspectiva do representacional, pois “há uma performatividade do corpóreo, do espacial e do sexual que se expandem” para além desse domínio representativo. (Ibid., p. 64).

A paquera no Facebook ou no contexto “on-line” é caracterizada fundamentalmente pelo relacionamento dos usuários entre si na rede através de suas materializações corpóreas pela publicação de imagens na plataforma. A apresentação por meio da fotografia encerra uma colocação literal das pessoas na posição de que trabalham na indústria da beleza como modelos ou atores, de acordo com Illouz (2011, p. 117), onde os indivíduos têm uma extrema consciência de sua aparência física, onde o corpo se torna a principal fonte de valor social, econômico [e sexual], além de ficar exposto publicamente a fim de competir com outros corpos.

Os corpos são expostos em forma de “vitrine” acompanhados com enunciados que enalteçam atributos valorizados no mercado. Alguns confessam buscar o melhor lado do rosto para fotografar, vestimentas “que emagrecem” e posturas que evitem a identificação rápida de “que é viado”, por exemplo, “junto com viado”, “desmunhecando”. (Depoimento - Romeno/2014).

A fotografia tanto materializa e objetiva impressionar os outros como sua intensa publicação tem a função de documentar e atrair os outros – sejam futuros amigos, conhecidos, seguidores ou parceiros afetivos ou sexuais. Publicam-se também fotos que tanto documentam os fatos que marcam cotidianamente as vidas dos usuários – sempre dos momentos felizes, alegres e que seduzem – quanto, e principalmente, as autotransformações corporais – no sentido evolutivo para uma maior beleza física. Para se tornar um escolhido ou objeto das paqueras e caçadas sexuais, são necessários dois tipos de moralização corporal. O primeiro é relativo às práticas corporais, ou seja, a participação de um ascetismo frenético caracterizado pela busca de um corpo bom, belo e sadio, resultado da musculação, suplementação e dietas alimentares, além de bons hábitos de vida, sumariamente legitimados pelos ramos científicos consagrados – Medicina, Nutrição, Biologia, Fisioterapia e outros. A outra moralização é do tipo midiática. No mercado das aparências do contexto “on-line”, os “bisturis de softwares” (SIBILIA, 2006) agem para tornar a imagem bem-sucedida e eficiente como representação do corpo ausente e, além disso, construir uma ilusão de similaridade “real” do corpo distante que a imagem objetiva presentear e permanecer no imaginário de quem a visualiza.

Conforme o processo de busca por parceiros segue as regras do mercado, é de suma importância construir eficientemente nas páginas do Facebook ou de qualquer rede social ou site de relacionamento o perfil psicológico– “para se destacar em um bando homogêneo” – e fotográfico que tem como exigência “que ele se enquadre nos cânones estabelecidos da beleza e do preparo físico”, pois as pessoas bem sucedidas são “as que se distinguem por sua originalidade linguística e sua convencionalidade física”. (ILLOUZ, 2011, p. 119). Por consequência, a expectativa de que os perfis construídos tenham valores reconhecidos no mercado da paquera, do sexo e das sociabilidades virtuais no geral, promove uma competição intensa na rede representada pela incessante publicação e melhoria nos perfis, isto é, dos ‘corpos’.

No processo de descrição de si mesmo, os indivíduos se baseiam “nos roteiros culturais da personalidade desejável. Ao se apresentarem aos outros de

maneira incorpórea, as pessoas usam as convenções estabelecidas do indivíduo desejável e as aplicam a elas mesmas”. (Ibid., p. 118).

Além disso, os processos de apresentação pessoal e busca por parceiros no mundo virtual são calcados no credo psicológico conforme Illouz (2011). O outro é conhecido tendo como referência uma ideologia de compatibilidade psicológica, afetiva [ou sexual], pois a identidade se constrói pela decomposição de categorias distintas de gostos, opiniões e no caso do Facebook, amigos em comum, eventos que frequentou, viagens realizadas, postagens recentes, publicações no seu status e as fotografias. O eu é exposto publicamente para uma plateia abstrata e anônima geralmente e a internet contribui para uma ‘textualização da subjetividade’: o eu é externalizado por meios de representação e linguagem. (Ibid., p. 113).

Como resultado, a autora aponta quatro consequências: a primeira é o aguçamento no sentido de singularidade perseguido pelos eus. A segunda é a inversão da ordem da condução das interações românticas: o conhecimento precede a atração, ou pelo menos, “a presença física e a corporalização das interações românticas”. (ILLOUZ, 2011, p. 113). A terceira é a radicalização via tecnologia do eu como selecionador e o encontro como resultado da melhor escolha possível. E a quarta, a internet coloca as pessoas em uma competição por outras. (ILLOUZ, 2011, p. 114).

No Facebook, são entre curtidas, cutucadas e compartilhamentos que os usuários vão navegando pelos perfis, criando estratégias de manipulação identitária e de gênero, além de se tornarem visíveis na rede e, portanto, consumíveis entre os milhões de participantes da rede. Sem visibilidade, não se “existe” na rede social. Esse processo de navegação caracterizado pelo ritual do esquadrinhamento dos perfis pode ser considerado o início da primeira fase do processo de paquera virtual que será chamada de “desfocada”. Em uma interação “desfocada” “os indivíduos em presença visual e auditiva uns dos outros cuidam de suas próprias vidas sem estarem ligados por um foco de atenção compartilhado”. (GOFFMAN, 2011, p. 128). Não há aqui um único centro de atenção. No caso específico do Facebook, os usuários analisam os perfis e inicialmente buscam alguma “pista” ou indício de que o “cara curte” a partir das publicações, curtidas e amigos gays em comum. Ter amigos gays, curtir publicações relacionadas ao assunto da homossexualidade, não ter fotos com crianças ou junto – beijando – mulheres, curtir páginas de boates ou festas gays constituem as “pistas” apontadas pelos colaboradores. Mas um usuário relata que, mesmo sem a identificação dessas “pistas”, “a gente às vezes tenta o colar colou”. (Depoimento - David/2014). Ou então “me declaro para ele mesmo correndo o risco de pegar um fora”. (Depoimento - Juliano/2014).

Fundamentalmente a paquera “on-line” é orientada pelas “performances de gênero”. Durante o esquadrinhamento, os usuários tentam se “encaixar” e “encaixar” os perfis esquadrinhados em julgamentos de identidade de gênero reconstituídas a partir de estereótipos já reconhecidos pelo senso comum como pertencentes a perfis de “caras que curtem”. Nessa fase “desfocada” da paquera, os colaboradores vão paquerando vários perfis através de curtidas em fotos e cutucadas. Os perfis vão sendo classificados como “boy” ou “gay”: o perfil “gay” é aquele que possui as “pistas” acima; e o perfil “boy” é constituído por “coisas de hétero” – assuntos e páginas relacionados a futebol, mulheres e filho(a)s (Depoimento - Rivero/2014). Essa redução binária dos perfis corresponde ao binarismo das “performances de gênero” – masculino e feminino – que no homoerotismo assume as configurações de macho ou “boy” e fêmea ou bicha, acompanhadas da divisão também binária das posições sexuais correspondentes: macho ou másculo – ativo e gay ou afeminado – passivo.

Durante o ritual de esquadrinhamento da paquera “desfocada”, ocorre uma seleção de perfis possíveis e que possuem materializações de corpos desejáveis para serem paquerados. Ela se assemelha à paquera “off-line”, que tem seu início em uma relação peculiar com a “desatenção civil”. O paquerador pode iniciar seus investimentos utilizando-se dessa cortesia. Na desatenção civil, o indivíduo oferece um “aviso visual suficiente” de que percebeu a presença do outro e depois retira seu olhar ou atenção para não expressar que o outro “constitui um alvo de curiosidade ou interação especial”. (GOFFMAN, 2010, p. 96).

O reconhecimento da paquera entre indivíduos se dá por infrações a desatenção civil – olhar prolongado a alguém ou as olhadelas mútuas – confirmada por outros sinalizadores e pela contextualização espaço-tempo. Entretanto, no contexto “on-line”, a desatenção civil pode ser emitida pelas curtidas em fotos ou cutucadas, ou seja, através da emissão de que aquele perfil está chamando atenção a alguém. E o olhar prolongado ou mútuo – confirmador do início da fase focada da paquera – pode ser confirmado pelo retorno das curtidas em fotos, cutucadas e solicitações de amizade: “cutucadas no começo eram o auge. Hoje as cantadas por mensagens são mais frequentes e curtidas em fotos”. (Depoimento- Marcos/2014).

Tento observar um por um o perfil do Face da pessoa e tento ver como se aproximar. Observo, mando uma mensagem formal ou cutuco e daí vejo, mais nunca ir direto [...]. A pessoa fica te curtindo, mostrando interesse para as coisas que você curte e aí vai de você [...] (Depoimento-Juliano/2014).

A passagem da paquera como interação “desfocada” para um encontro ou engajamento de face [no caso engajamento “on-line”] é autorizada pela intensidade dos retornos às curtidas de fotos, pelas cutucadas e em algumas situações por comentários e mensagens direcionadas a fotos ou algo publicado: “começo a observar pelas inúmeras vezes em que curtiu uma foto ou um status em menos de um minuto [risos]. Isso acontece muito, mais o fator principal é durante a conversa no bate-papo”. (Depoimento- Romário/2014).

Observo, mando uma mensagem formal ou cutuco e daí eu vejo no que dá, mais nunca ir direto [...] eles puxam conversa, fazem comentários de alguma foto, curte alguma coisa, a maioria das coisas que curto ou compartilho num face, [...] (Depoimento- Juliano/2014).

“Cutucar”, “curtir uma foto dele”, “comentar uma foto onde ele foi marcado, ou comentar e também curtir suas recentes postagens”, “solicitar amizade” ou “mandar uma mensagem qualquer de paquera” (Depoimento-Josué/2013) foram apontadas como principais “estratégias” ou rituais de aproximação na busca por parceiros amorosos e/ou sexuais no Facebook, de acordo com os colaboradores. Tais ações são rituais por serem consideradas eficazes na busca por chamar atenção de algum usuário durante as performances de paquera. Vale destacar que, antes desses rituais, o principal ritual de seleção dos futuros objetos de desejo é a visualização das fotos e consequente análise dos perfis dos usuários localizados tanto através dos amigos dos usuários quanto também dos amigos em comum com outros usuários.

A “interação focada” da paquera virtual é marcada geralmente quando um dos usuários aceita o convite de solicitação de amizade de outro ou em menor frequência quando um deles envia uma mensagem qualquer. Na interação focada existe um único foco de atenção cognitiva e visual durante os atos de fala e gestos. E os participantes ajudam a manter esse foco de atenção. (GOFFMAN, 2011, p. 128). O início desta fase ocorre segundo os colaboradores quando dois

usuários se tornam “amigos” no Facebook. Há outros rituais de aproximação da paquera mais diretos como elogios às fotos e ao corpo dos usuários ou a solicitação de amizade como primeira ação sem passar pelas curtuições de fotos ou publicações.

Realizada no bate-papo do Facebook, essa fase “focada” principia com a deferência, ou seja, um ritual interpessoal através de pequenas saudações, elogios ou desculpas de comunicar apreciação ou estima ao receptor. Esse ritual é utilizado para se aproximar ou fazer investidas aos corpos paquerados. Entretanto é a fase mais complexa, porque lida principalmente com a confirmação das performances exibidas pelos indivíduos durante a fase desfocada ou não-verbal. E no caso do Facebook, a confirmação performática se dá por uma avaliação do desempenho linguístico em confronto com a análise do perfil realizada anteriormente através dos trânsitos “virtuais”: curtuições de fotos, de festas, eventos, páginas e publicações em geral, principalmente as fotos pessoais. Aqui, ocorre uma exacerbação/manipulação/reformulação dos significados atribuídos aos dois polos da paquera – cálculo e desejo (PERLONGHER, 1987, p. 161) – desde o início do processo. Além disso, essa fase da paquera é caracterizada pela “deferência”.

A deferência pode assumir a forma de ritual de evitação e ritual de apresentação. Os “rituais de evitação” são empregados onde a deferência leva o ator a manter distância do receptor e para não violar a esfera que está ao seu redor. (GOFFMAN, 2011, p. 65). Eles assumem a forma de proscições, proibições e tabus os quais encerram “atos que o ator deve se abster de realizar se não quiser violar o direito do receptor de mantê-lo a distância”. (Ibid., p. 74).

Um segundo tipo de deferência são os rituais de apresentação. Eles funcionam para confirmar aos receptores que são estimados e sinaliza para o tratamento que está por vir na interação. Ou seja, eles especificam o que deve ser feito. (GOFFMAN, 2011, p. 72). O autor considera que na sociedade há uma dialética constante entre rituais de apresentação e de evitação (Ibid., p. 78). Ele menciona quatro formas muito comuns desse tipo de deferência: saudações, elogios, convites e pequenos serviços onde o “ator representa concretamente sua apreciação do receptor”. (Ibid., p. 74).

Da mesma forma que na paquera “off-line” “pegar o olho” do paquerado é uma forma do paquerador ser visto e demonstrar sua paquera, evitar que alguém “pegue seu olho” constitui na forma cortes de bloquear ou interromper uma paquera em curso, pois é “compreensível que um indivíduo que deseje controlar o acesso dos outros a ele e a informação que recebe pode evitar o olhar para a pessoa que o está procurando”. (GOFFMAN, 2010, p. 106). Ou seja, quem quer evitar encontros, as olhadelas mútuas devem ser evitadas, visto que o “contato visual nos abre para engajamentos de face”. (Ibid., p. 108). No caso da paquera virtual, o evitar “pegar o olho” de alguém é constituído pelos seguintes “rituais de evitação”: não retornar as curtuições de fotos, as cutucadas e não confirmar as solicitações de amizade.

Os rituais de apresentação – regularmente empregados na fase posterior às correspondências das curtuições e solicitações de amizade – ocorrem geralmente durante o bate-papo do Facebook. Neste recurso, auxiliado pela *webcam*, os usuários entram em um processo de avaliação mútua cujo objetivo é tentar se confirmar a materialização emitida pelos corpos em seus perfis e aquela materialização que foi recebida/construída por alguém. Essas confirmações ou confrontos entre o imagético e a simulação do que poderia ser o “real” capturado pela *webcam* vão também confirmando ou modificando o desejo inicial movido pela análise dos perfis durante a fase “desfocada” da paquera.

De forma geral, essa fase “focada” da paquera no Facebook pode assumir a configuração de “multifocada”, pois os colaboradores ratificam a possibilidade de abrir várias janelas de bate-papo com outros usuários e engendrar diferentes processos “focados” de paquera. O “foco” onde será dispendida maior atenção é constituído por aquele bate-papo em que há maior possibilidade de ocorrer uma “real”: além de outros aspectos como um “perfil atraente” e “um bom papo”, a velocidade de retorno das mensagens enviadas e consequente envio de novas mensagens de ambas as partes. Se o usuário custa responder ou não pergunta nada, já é considerado indício suficiente para encerrar a conversa ou investir talvez em outro “foco”.

A possibilidade de acontecer “uma real” pode surgir na ocorrência do “ficar” ou da “pegada”, como a etapa final de um processo de paquera em que a fase de interação “focada” é essencial. Pois, para ser bem-sucedida, deve ser constituída pelo mútuo envolvimento dos indivíduos. Embora nem sempre o grau de envolvimento dos indivíduos seja semelhante, a permanência desse grau sempre estará sujeita a rupturas e distrações que, às vezes, podem até ser consideradas como sinal de desinteresse de algum dos indivíduos. Essas distrações podem mesmo se constituir em tempos necessários para dar atenção ou focalizar outros bate-papos abertos e em curso durante o “multifoco” da paquera virtual. E os colaboradores já sabem disso.

Outra variável importante nessa fase dialogada ou “focada” da paquera são os horários. Conforme o relato dos colaboradores, geralmente depois das onze da noite, os usuários iniciam as conversas mais diretamente, com frases do tipo: “e aí pegando muita gata” e “fazendo q de bom nessa madrugada”. (Depoimento-Romeno/2013). Às vezes, respostas negativas abrem caminho para os elogios e as cartadas finais: “um cara boa pinta como você, sozinho ainda...”; “é por opção, né..”; “se eu curtisse, não dispensaria mano”. (Depoimento-Italiano/2014). Daí por diante é esperado alguma frase que permita prolongar a paquera ou finalizá-la, como o outro perguntar por que o paquerador não o dispensaria. Ou na pior das hipóteses, o paquerado afirmar que não ‘curte’ homens. Interessante que geralmente o paquerador não acredita quando ouve um não, pois justamente, aquele perfil ou pessoa escolhida foi resultado de muita análise e possuía as “pistas” necessárias para iniciar a investida. E então, ele encerra a conversa às vezes até grosseiramente: “tu não curtiu foi eu, mas homem tu pega sim, falou”. (Depoimento- Sírios/2014).

Quando o perfil não tem muitas “pistas de que ele curte”, a estratégia é sempre começar com “assuntos hétero, como futebol, baladas, quantas gatas tu pegou...”. Depois, e vai depender muito da “minha percepção”, “faço elogios do corpo dele, pergunto se tá malhando muito...”. “E aí quando o cara não curte a gente nota logo, aí a gente já pede o número do *whatsapp*<sup>17</sup> e aí [...]” (Depoimento-Rivero/2014). Iniciando com assuntos do “mundo heterossexual”, o usuário parece assegurar a crença de que percebe o paquerado como heterossexual, deixando este mais confiante, que pode ter medo de que seu ‘segredo’ seja facilmente descoberto. E depois, a pergunta se o paquerado curte ou o que ele curte – unânime em todas as interações no bate-papo quando ambos já se percebem em uma interação-paquera homoerótica – também de certa maneira assegura sua identidade, ao focalizar apenas a prática do “fica” – caso se confirme – ou do sexo casual.

Em acréscimo, a grande maioria dos colaboradores da pesquisa afirmava que durante as interações de paquera inicialmente diziam serem casados ou terem medo de que suas namoradas ou esposas descobrissem suas práticas, para depois responder se “curtiam” ou não caras. Mas essa estratégia pode ser explicada pelo fato de que na busca racionalizada, seletiva e estigmatizada por parceiros no contexto “on-line”, tais afirmações ressoam no imaginário dos



usuários e no senso comum ‘real’ como homem másculo e ativo, não gay: lê-se não é do “meio” gay. Identidades superiores na ordenação heteronormativa dos relacionamentos amorosos e sexuais entre os homens. Longe de ser uma “ampliação do armário”, para alguns dos colaboradores, essas afirmações vinculadas ao mundo heterossexual funcionavam como “estratégias” para “pegar boy”, ou seja, pegar “homens de verdade” que frequentemente “curtem caras”, mas “não deixam de ser hétero”. (Depoimento- Romeno/2013).

Dessa forma, a paquera virtual reforça de forma mais racionalizada e mais angustiante, por seu caráter descorporizador, a heteronormatividade, embora que permitam as encenações pelos usuários de identidades desvalorizadas por esse dispositivo relacionadas ao gênero e a sexualidade. Há um cuidado ritual nas investidas, porque os perfis são públicos, embora os usuários selecionem de forma identitária tais perfis buscando “pistas” de possíveis “curtidores” do homoerotismo.

É justamente na pergunta unânime feita em todas as interações durante a etnografia no Facebook – ‘vc curte h’ ou ‘o que vc curte’<sup>18</sup> – e não perguntas proferidas em tempos passados durante uma paquera homoerótica – ‘você é gay, ou homossexual, ou bicha ou viado’ e/ou seu complemento – ‘você é ativo, passivo ou versátil – que nos despertou a reflexão acerca de um mecanismo, na sua colocação discursiva e reiterativa, utilizado na internet e que está possibilitando diferentes modos de ser, agir e repensar os relacionamentos amorosos e sexuais.

Vinculada consensualmente à conotação de efemeridade, apego e desapego rápidos, a ideia de curtição é correlata à ideia de atos de amor e sexo profundamente flexíveis, negociáveis e mutantes ao calor das emoções, dos contextos, dos desejos e dos corpos presentes ou digitais. Nesse sentido, a palavra “curtir” desidentifica o sexo e o gênero e os joga no cenário do desejo e das possibilidades e tira a obrigação de se identificar. Sendo assim, através desse mecanismo ocorre uma legitimação de práticas amorosas ou sexuais que não devem ser reconhecedoras de identificações fixas.

A “performatividade-curtiçã” legitima então um homem amar ou fazer sexo com outros homens e não ser considerado homoerótico: os usuários e pessoas do “off-line” compartilham da possibilidade – pressuposta como desejável e um atrativo a mais para o status de desejabilidade dos corpos por conta da efeminofobia – de se relacionar com pessoas do mesmo sexo e não serem reconhecidos como homossexuais conforme a constatação de Miskolci (2013). Dito de outra forma, a “performatividade-curtiçã” pode funcionar como reforçador da heteronormatividade e ponto de apoio do regime do armário nos contextos “on-line” e talvez “off-line” por desconsiderar a inteligibilidade do homoerotismo como algo a ser publicizado e reconhecido socialmente, relegando suas práticas, desejos e sentimentos ao estratégico mecanismo da desvinculação, da efemeridade ou do “por uma noite apenas” e seus correlatos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A performatividade-paquera no Facebook pode ser dividida ritualmente em duas fases: a “desfocada” e a “focada” e/ou “multifocada”. Na primeira, o ritual de esquadrinhamento objetiva selecionar perfis na plataforma tendo como referência os ideais estéticos de beleza masculinos – corpo sarado – e as “performances de gênero”.

Os corpos materializados nos perfis são classificados em duas categorias binárias apenas: em masculino – o ideal ‘macho’, ‘ másculo’ ou viril – que é perseguido por todos que paqueram e os que querem ser paquerados; e em feminino – a ‘bicha’, “trejeitada”, “afeminada” – que constitui o abjeto, o exterior constitutivo do masculino supervalorizado. O corpo – material da paquera – tenta expressar o triunfo: estética ideal e masculinidade e evitar comunicar a feminilidade principalmente se não possuir a beleza corporal padrão. Além disso, o gênero performativo se relaciona com a sexualidade. O macho é ativo, e o “afeminado” – fêmea – deve ser passivo. A categoria que os colaboradores identificam como “boy” é constituída por homens ativos e passivos não afeminados que possuem uma vida social: serem másculos, possuírem namoradas ou esposas, não compartilharem de uma pretensa ‘identidade gay’ – frequentarem boates, festas, saunas e terem certos ‘gostos’ – moda, música pop, literatura, decoração ou “coisas de salão de beleza”. (Depoimento- David/2014).

A partir dessa classificação são utilizados como rituais de aproximação as curtidas de fotos ou em postagens e as cutucadas. Se ocorrer retorno significativo dessas investidas, é enviado um convite de solicitação de amizade e mensagens ou comentários sobre fotos ou status sobre o perfil alvo da paquera. Nesse momento se inicia a fase “focada” da paquera virtual que se prolonga com a aceitação da amizade solicitada e se desenrola no bate-papo da plataforma. Geralmente, nessa fase pode se configurar uma paquera “multifocada”, pela possibilidade de serem abertas inúmeras janelas e manter diferenciados “focos” de paquera na internet.

O bate-papo é caracterizado pelas confirmações das materializações corpóreas percebidas por ambos os usuários envolvidos no processo de paquera iniciado na fase “desfocada”. Ou seja, o processo de paquera virtual é atravessado pelo constante esquadrinhamento das materializações corpóreas acionadas pelos usuários – desde a seleção dos perfis desfocadamente ao bate-papo e talvez durante a “real” – possível encontro face a face.

A performatividade da paquera virtual envolve processos híbridos entre humano e máquina das dinâmicas performáticas de sexualidade e gênero. Tal processo encerra um dispositivo de materialização corpórea nos termos de Gadelha (2015) reiterativa de formas de gênero hegemônicas, de sexualidade inteligível ou de sexualidades dissidentes. Embora que o homoerotismo “on-line” esteja aprisionado no “armário ampliado”, a “performatividade-curtição” pode se constituir em fissuras temporárias desse aprisionamento.

## NOTAS

<sup>1</sup> A preferência pelos termos virtual e virtualidade neste artigo se deve à ideia de que os “processos de virtualização são concernentes a agenciamentos de corpo, do espaço, do tempo e do sexo que atravessam as dimensões do humano e do não humano”. (GADELHA, 2015, p. 67).

<sup>2</sup> O termo ciberespaço foi criado pelo escritor de ficção científica William Gibson, em 1984, com base em dois conceitos: cibernética e espaço. Gibson destacava a desconexão entre ciberespaço e espaço físico material. Com a popularização da internet e o surgimento do *world wide web* (WWW) em 1992, ciberespaço e internet passaram a ser tratados quase como sinônimos. Neste ínterim, os espaços digitais foram considerados desconexos da realidade física, processo que resultou no uso do termo realidade virtual como antônimo da vida real. (SOUZA; SILVA, 2006, p. 21-22).

<sup>3</sup> Esse termo no Brasil é utilizado para denominar de forma nativa o “cruising”: “prática espacial erotizada e erotizante de praças, parques, locais desertos na cidade que se tornam pontos para encontros fortuitos, busca de parceiros e amores entre sujeitos, do sexo masculino”. (GADELHA, 2015, p. 65).

<sup>4</sup>Na cibercultura o “eu” “também se torna desterritorializado” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 202) e, portanto, ávido por assumir as territorialidades tanto possíveis quanto estratégicas frente a seus desejos e objetivações. Eva Illouz (2011, p.115) assevera que a internet possibilita um eu flexível, aberto e múltiplo.

<sup>5</sup>Lemos (2010, p. 22) define a cibercultura como um “conjunto tecnocultural” que surge no final do século XX em consonância à microinformática e ao surgimento das “redes telemáticas mundiais”. Essa forma cultural engendra modificações nas práticas sociais por meio de “novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social”.

<sup>6</sup>Último acesso de seu perfil: 31/10/2015.

<sup>7</sup>A título de diferenciação com a citação dos teóricos utilizados na discussão, o nome dos colaboradores vem grafado com letras minúsculas em parênteses.

<sup>8</sup>Termo criado por Wagner (1993) que identifica um conjunto de disposições – discursos, valores e práticas – que naturaliza, sanciona e legitima a heterossexualidade como a única possibilidade de expressão dos sujeitos (JUNQUEIRA, 2012, p. 66). A heteronormatividade é sustentada pela heterossexualidade obrigatória conforme Louro (2012). E, além disso, reforçada pela efeminofobia no caso das relações amorosas e sexuais entre homens.

<sup>9</sup>Butler (2010, p. 216) designa como “matriz heterossexual” o modelo discursivo hegemônico da inteligibilidade de gênero que reivindica uma coerência corporal expressa na vinculação direta oposicional e hierárquica entre sexo e gênero estável. Um corpo com pênis seria um macho e ocuparia a posição social masculina. Um corpo com vagina seria uma fêmea e exerceria seu papel social feminino culturalmente estabelecido.

<sup>10</sup>Cf. Preciado (2008) e sua tese do gênero como uma ecologia política produzida por tecnologias farmacológicas e audiovisuais que modela subjetividades. Na era dos fármacos é possível a produção de corpos genericados.

<sup>11</sup>Durante a etnografia, recebi várias solicitações de amizade desses perfis os quais detectei sua falsidade por não apresentarem publicações de ações cotidianas e suas fotos serem de modelos masculinos ajustados ao padrão estético dominante: corpos musculosos. Os colaboradores afirmam não se interessarem por esses perfis corroborando a ideia de que a paquera no Facebook geralmente não é anônima como em alguns sites e aplicativos de “pegação”, onde se criam apelidos e os rostos dos usuários são ocultados para evitar a identificação durante a fase desfocada da paquera “on-line”. Entretanto o que está no armário é o desejo homoerótico que será ritualmente exposto para ambos, permanecendo em segredo na maioria das vezes para o restante dos amigos desses usuários participantes do processo ritual de paquera. Mas esses perfis falsos no Facebook e o segredo ritual da paquera, solicitado e mantido na ambiência do bate-papo, corrobora a tese de ampliação do armário de Richard Miskolci (2009).

<sup>12</sup>Pela consideração de que as “estratégias” enunciadas pelos colaboradores visavam obter resultados, ou seja, definir uma situação de paquera e estavam atreladas a um comportamento encenado para uma plateia, tais “estratégias” constituíram no decorrer da análise como “rituais” nos termos de Schechner (2012).

<sup>13</sup>Último acesso de seu perfil: 25/10/2015.

<sup>14</sup>Perfis da plataforma Facebook que geralmente se constituem de informações falsas como nome, imagens, cidade onde nasceu e outros. Conforme os usuários em que dialoguei, esses ‘fakes’ são mais utilizados para pegação e se caracterizam por possuírem muitas fotos apenas de corpo sem aparecer o rosto, principalmente das partes pudendas ou apenas de sunga. Há também os ‘fakes’ que utilizam fotos explícitas de homens coletadas na internet ou até de fotos de usuários ‘verdadeiros’ do Facebook.

<sup>15</sup>Miskolci (2012) analisa o incentivo a “sexualização” dos perfis em sites de busca por parceiros masculinos.

<sup>16</sup>Último acesso: 28/10/2015.

<sup>17</sup>Aplicativo comprado pelo Facebook em 2014 que envia de mensagens instantâneas de áudio, vídeo e textos.

<sup>18</sup>Mantive a transcrição literal, inclusive com as devidas abreviaturas.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENTO, Berenice. *A Reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: LOURO, Guacira Lopes Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- CANEVACCI, Massino. *Corpos polifônicos e tecnologias digitais*. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 33-64, 2012.
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais on-line. In: *Àskesis*, v. 4, n.1, p. 56-73, jan./jun., 2015.
- GOFFMAN, Erving. *Rituais de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Trad. Fabio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Celia Santos Raposos. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ILLOUZ, Eva. *O Amor nos tempos do capitalismo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: *Revista Educação On-line*. PUC-Rio, n.10, p. 64-83, 2012. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.pucio.br/rev\\_edu\\_online.php?strSecao=input0](http://www.maxwell.lambda.ele.pucio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0)>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: vozes, p. 15-32, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Papyrus Editora, Campinas, 2013.
- LÉVY, Pierre; LEMOS, André. *O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIGIÉRO, Zeca (Org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Trad. Augusto Rodrigues da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Autêntica Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_. Prefácio – Desafios. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 11-13, 2012.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. In: *Gênero*. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190. 1. Sem. 2009.

\_\_\_\_\_. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. In: *Cronos*: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 12, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. A Gramática do Armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa [et al] (Orgs.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 32-52. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, p.301-324. jan./abr 2013.

PARREIRAS, Carolina. “não leve o virtual tão a sério”? - uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flavio Melo de; DULLEY, Iracema (Orgs.). *Etnografias, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo: Annablume, Fabesp, 2011.

PERLONGER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*. Madri: Espasa, 2008.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. ed. 2 Porto Alegre: Sulina, 2011 (coleção cibercultura).

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu* (28), p. 19-54. jan./jun. 2007.

SIBILIA, Paula. O bisturi de software: como fazer um ‘corpo belo’ virtualizando a carne impura? In: ARAÚJO, Denize Correa (Org.). *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 271-289.

\_\_\_\_\_. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão? *Cienc. Cult.*, v. 62, n. 2, p. 38-44, 2010.

SOUZA E SILVA, Adriana. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos? In: ARAÚJO, Denize Correa (Org.). *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, p. 21-51, 2006.